

TECNO-PODER-MULHER: TECNOLOGIA SOCIAL DE FORTALECIMENTO DOS PODERES E DIREITOS DE JOVENS MULHERES.

Nayra Hevily De Oliveira Silva¹

Alinek Almeida Da Silva²

James Ferreira Moura Junior³

RESUMO

A proposta de fortalecimento de direitos de mulheres foi baseada em uma experiência anterior com tecnologia social para confecção de bolsas e outros artefatos como forma de inclusão produtiva. A apresentação da proposta e a divulgação será feita de forma virtual, tendo em vista o contexto de pandemia provocada pela Covid-19. Planejou-se a realização de oito oficinas virtuais com duração de duas horas em cada encontro, com um grupo de quinze mulheres, para o compartilhamento das estratégias criadas para fortalecimento e cuidado de si diante das opressões sofridas em uma sociedade dominada pelo pacto cis-heteropatriarcal. Nos encontros, foram trabalhados temas como acesso a direitos sociais, cuidado de si e modos de apoio e suporte social. A perspectiva metodológica é a pesquisa ação com metodologia mista. Foi realizada observação participante com redação de diários de campo do processo de facilitação dos encontros grupais de aplicação da tecnologia social. Nesse sentido, na perspectiva qualitativa, foram comparados os discursos das mulheres antes e depois dos grupos a partir da Análise de Conteúdo dos diários de campo e dos grupos focais, por fim, compreende-se que essa tecnologia social poderá ser replicada em outros espaços, fortalecendo os direitos das mulheres contra as diversas formas de violência.

Palavras-chave: Pobreza; Gênero; Direito social; Tecnologia social.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. , Unidade acadêmica dos Palmares, Discente, nayrahevily@aluno.unilab.edu.br¹

PUC RS, RS, TAE, alinek725@gmail.com²

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. , Unidade acadêmica dos Palmares, Docente, james.mourajr@unilab.edu.br³

INTRODUÇÃO

O projeto Tecno-poder-mulher é um curso de extensão vinculado a Universidade da Integração da Lusofonia Brasileira e a Universidade Federal do Ceará, com o objetivo de fortalecimento e criação de espaços seguros para promoção de direitos humanos e sociais, a partir de rodas de conversas, processo formativo teórico e de troca de experiências com as cursistas. Sendo realizado de forma online, nas segundas feiras de 16 às 18 horas, dando mais possibilidades para mulheres de outras localidades terem acesso a esse serviço. Deste modo, para auxiliar na facilitação dos encontros eram utilizados diversos recursos como vídeos, músicas, livros, artigos científicos e o debate ativo, fundamental para o troca de conhecimentos. Com isso, foi percebido pelas integrantes uma maior participação e feedbacks positivos em relação aos encontros e sobre o que era debatido e sentido, relatando um sentimento de alívio ao poder expressar e nomear suas angústias.

METODOLOGIA

Metodologia proposta

Desta forma, o que se propõe é uma possibilidade da aplicação da tecnologia social em formato de pesquisa-ação junto às mulheres. A pesquisa-ação propõe-se a reconhecer a indissociabilidade entre teoria e prática e também entre pesquisador(a) e participantes, sendo um método participativo que reconhece o processo de investigação imbricado com a atuação prática, desenvolvida dentro e a partir do contexto social dos(as) participantes (NOFFKE, ROBERTS, 2015).

Técnicas e procedimentos participativos

Considerando este processo de pesquisa-ação, entendemos que o primeiro passo de "Identificação do problema e a contratualização" (GÓIS, 2004). Sendo a construção de diários de campo essencial a este processo, sendo utilizada no momento de realização das oficinas com as mulheres participantes (MONTERO, 2006). A sistematização das observações é feita a partir da elaboração dos diários de campo. Assim, a observação participante, junto com a feitura de diários de campo, acompanhada de forma integral o percurso de realização da pesquisa. O diário de campo é uma técnica utilizada na antropologia, sociologia e, posteriormente, na Psicologia Social (MONTERO, 2006). Segundo Angrosino (2009), a elaboração dos diários de campos sistemáticos tem como premissa o registro de detalhes sem preconceitos, encontrando fatores que possam ser encarados como padrões. Assim, tem-se como fim a explicação da situação, a relação dos participantes, a cronologia dos eventos, o registro de conversas e outras interações verbais e a descrição dos comportamentos e das interações.

De forma participativa, foram identificadas as estudantes que desejem participar das oficinas de fortalecimento de mulheres e construídas com elas esse formato. Antes de iniciar as oficinas, serão realizadas duas técnicas. A primeira consiste em um grupo focal, realizado de forma virtual. Os grupos focais constituem uma técnica de pesquisa qualitativa com foco no processo de produção de sentidos de forma grupal. Tem a finalidade de produzir sentidos diversos sobre determinado temática com um grupo de pessoas de referência de um determinado coletivo social. Neste projeto, busca-se ter informações sobre o contexto de vida das participantes e as expectativas sobre a oficina. O grupo focal funciona como uma entrevista qualitativa semiestruturada, mas utilizada a nível coletivo com as especificidades e as qualidades das interações grupais (KIND, 2004).

Dessa maneira, o Grupo Focal foi realizado a partir da elaboração de um roteiro e questões vinculadas à temática investigada. Essas questões são formuladas a partir da revisão de literatura científica sobre o fortalecimento de mulheres, suporte e apoios social. Os grupos são organizados com a presença de um

moderador que mediará a discussão e realizará os questionamentos de forma mais democrática e ética possível. Também, estava presente um observador que analisou a dinâmica de realização do grupo, assim como as temáticas abordadas a partir da elaboração de diários de campo (ROSO, 1997).

Nesse sentido, o fortalecimento de poderes e direitos de mulheres está articulada com uma série de encontros temáticos, com o seguinte cronograma: Encontro 1. Apresentação das participantes, expectativas, grupo focal e o tema: O que é ser mulher? Encontro 2. Mulheres e corpo. Encontro 3. Cultura de branquitude e negritude- ser mulher no Brasil. Encontro 4. Gênero e sexualidade. Encontro 5. Pobreza e riqueza. Encontro 6. Encerramento, avaliação e aplicação de grupo focal e de questionários.

Os critérios para participação na pesquisa de produção da tecnologia social serão: ser mulher, cis ou trans, residentes no Brasil, ter a idade mínima de 18 anos; aceitar participar da pesquisa; e assinar um termo de consentimento livre e esclarecido.

Os grupos foram realizados de forma virtual, tendo em vista o contexto de Pandemia vivenciado. Ressaltamos, como dito anteriormente, que as participantes serão moradoras de todo o Brasil, mas com maciça participação mulheres cearenses.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao decorrer do processo de execução do projeto, tivemos que passar por diversas reestruturações em relação a programação, ao público alvo, o tempo de duração do curso e o processo de formação das facilitadoras. Deste modo, em para cada encontro realizado existia um processo de preparo anterior de elaboração coletiva. O projeto foi dividido em duas tentativas principais, a primeira por não conseguimos alcançar o público esperado e na segunda já contemplando os novos objetivos pré estabelecidos.

Os encontros foram divididos em 6 temas:

O primeiro encontro trouxe como tema "O que é ser mulher?" Onde foi levantado muitas questões das participantes em relação a si mesmas, questões de gênero, raça e outros atravessamentos. Além de terem participado da dinâmica em que consistia em cada uma escrever uma palavra sobre o que para elas, significava ser mulher.

No segundo encontro o tema foi mulheres e corpo, com o intuito de aprofundar como as pressões estéticas afeta diretamente a relação de mulheres com os seus corpos, tentamos questionar como as redes sociais distorcem a visão que temos sobre a nossa autoimagem, pois com o grande avanço dos procedimentos estéticos, filtros e influenciadores digitais a relação com o corpo vem se tornando ainda mais disforme e efêmera, pois a cada nova tendência aumenta-se a necessidade mudar-se totalmente e tentamos propor um espaço para que essas mulheres pudessem colocar seus medos e suas frustrações em relação a como se viam, também pontuando a influência do patriarcado e das múltiplas opressões vividas silenciosamente por mulheres.

No terceiro encontro a discussão foi sobre branquitude e negritude e como as relações entre raça e gênero afetam nossa forma de ser e estar no mundo, e com isso alguns dos questionamentos que surgiram relacionados ao tema foi, o lugar de hipersexualização da mulher negra, a "mulata" vista com desejo e lascívia, é colocada em um lugar de objetificação sexual, como experiências pessoais são podadas a partir dessa perspectiva, a vivência da sexualidade da mulher negra pode se tornar vazia de afetividade. Discutimos também como esse corpo negro é atingido em espaços como a família, trabalho e sociedade, entendendo que esse corpo é carregado de simbolismos históricos.

No quarto encontro o tema abordado foi gênero e sexualidade, onde contamos com presença especial da

estudante Sol Alves, mulher transgênero, estudante de antropologia e pesquisadora de gênero e sexualidade pela UNILAB, onde ela compartilhou um pouco sobre sua área de estudo, trazendo a perspectiva da construção social dos papéis de gênero e como a definição que temos hoje de sexo e sexualidade é perpassado por imposições sociais, além das violências vividas dentro do âmbito acadêmico e como tais questões passam por um violento processo de apagamento e exclusão no que se refere a existências de pessoas que não se enquadram nos perfis de cisnormatividade.

No quinto encontro a temática abordado foi sobre pobreza e riqueza, com abertura das discussões a partir do seguinte questionamento “o que é riqueza e pobreza?” com isso as participantes puderam refletir individualmente e após isso coletivamente como tais questões as atravessavam, deste modo, houveram várias reflexões sobre a desigualdade estrutural brasileira que condiciona qual o lugar social que os sujeitos ocupam e por sua vez reflete em como as subjetividades são construídas a partir desses lugares pré estabelecidos, e como a mulher negra ocupa esse lugar de base dentro dessa pirâmide social ocupando os maiores índices de pobreza do país.

No sexto encontro tivemos o nosso encerramento, onde sugerimos refazer a chuva de palavras do que ser mulher realizado no primeiro encontro, deste modo, puderam refletir novamente sobre o que é ser mulher para elas e isso foi usada a ferramenta digital para elas poderem descreverem e enviarem para as facilitadoras e assim a poderíamos fazer uma leitura coletiva e, sobretudo, refletir sobre como foi a experiência de participar dos encontros para elas. Ademais, também tivemos o repasse de informações importantes sobre os certificados.

Por fim, como produto final da extensão, desenvolvemos um E-book com os assuntos que discutimos, com objetivo de distribuir para adolescentes e em escolas, trazendo a partir de uma linguagem acessível pautas importantes sobre vivências femininas.

CONCLUSÕES

Portanto, o projeto teve como principal objetivo trazer para estas mulheres, para além de conhecimentos teóricos sobre temáticas sociais importantes, compartilhar entre si, vivências e resistências que muitas vezes não são conversadas ou evidenciadas. O Tecno poder mulher conseguiu atravessar além das participantes, as facilitadoras de uma forma positiva, trazendo resultados e colaboração no que se refere a bagagem teórica e experiências de vida. Ademais, o Ebook como já mencionado, será publicado para que o público na qual ele está direcionado, possa ter também acesso as informações de forma didática, fácil e pedagógica.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as mulheres que participaram do Tecno-Poder-Mulher.

Rede de Estudos e Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistências.

Universidade Federal do Ceará.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Funcap - Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

PROPPG - Pró reitoria de Pesquisa e Pós Graduação.

REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, M. Etnografia e Observação Participante. Porto Alegre, Artmed, 2009.
- CUMMINS, R.A.; ECKERSLEY, R.; PALLANT, J.; VAN VUGT, J.; MISAJON, R. Developing a national index of subjective well-being: The Australian Unity Wellbeing Index. *Social Indicators Research*, v. 64, n. 159- 190, 2003.
- CRESWELL, J. W. Projetos de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Artmed: Porto Alegre, 2010.
- GOIS, C. W. L. Psicologia Comunitária. *Universitas Ciencias da Saude*, 2(1), p.277-297, 2004.
- GUNTHER, H. Como elaborar um questionário. In Gunther, H. *Serie Planejamento de Pesquisa em Ciencias Sociais*. Brasília: UnB, 2003.
- IPECE. Perfil das Regiões de Planejamento Maciço de Baturite - 2016. Governo do Estado do Ceará, Secretaria do Planejamento e Gestão. 2016.
- KIND, L. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. *Psicologia em Revista*, v. 10, n. 15, p. 124-136, 2004.
- MONTERO, M. Hacer para transformar: El método en Psicología Comunitaria. Paidós: Buenos Aires, 2006.
- NOFFKE, L.; ROBERTS, L. Pesquisa de a o. IN: SOMEKH, B.; LEWIN, C. *Teoria e Métodos de Pesquisa Social*. (pp. 141- 150). Vozes: Petrópolis, 2015.
- ROSO, Adriane. grupos focais em Psicologia Social: da teoria a prática. *Psico*, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 155-169, 1997.
- SIQUEIRA, M. M. M. Construção e validação da Escala de Percepção de Suporte Social. *Psicologia em Estudo*, V. 13, n. 2, p. 381-388, 2008. doi: 10.1590/S1413-73722008000200021.